

## “BORA PRO MARCELÃO?": MAPEANDO O TRABALHO NOTURNO E SUAS NUANCES NA CIDADE DE PELOTAS

MAURICIO ALBUQUERQUE<sup>1</sup>; ARANTXA SANCHES<sup>2</sup>;  
LOUISE PRADO ALFONSO<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – mauricioalbuquerq@hotmail.com

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – arantxasanches@hotmail.com

<sup>3</sup>Universidade Federal de Pelotas –louise\_alfonso@yahoo.com.br

### 1. INTRODUÇÃO

O trabalho aqui apresentado se insere em um projeto maior, intitulado “Mapeando a Noite: o Universo Travesti”, coordenado pela professora Louise Prado Alfonso, vinculado ao Grupo de Estudos Etnográficos Urbanos – GEEUR. Esse [projeto] vem sendo desenvolvido a partir de leituras coletivas, documentários e filmes que visam trazer maior compreensão sobre a noite da cidade de Pelotas, atentando para questões como espacialidade, dinâmica social e gênero, para, posteriormente, analisarmos o universo travesti/trans e a prostituição.

Sendo o projeto de viés multidisciplinar, os dois pesquisadores que confeccionaram este texto optaram por colaborar a partir de suas devidas áreas de conhecimento e especialidade. Realizamos uma entrevista com o dono de um estabelecimento comercial chamado “Lanches do Marcelão – Padaria, Lancheria e Merceria”, localizado na rua Gonçalves Chaves Nº 380, em frente ao Campus I da UCPEL, no intuito de obter informações sobre as nuances do trabalho comercial em diferentes turnos, dia e noite. Uma série de fatores tencionaram para a escolha deste local em específico: primeiramente, o grande fluxo de clientes – em geral estudantes universitários, tanto da Universidade Federal de Pelotas, quanto da Universidade Católica. Segundamente, o prestígio/carinho destes [clientes] para com os donos (Marcelo e sua esposa Fabiane), o que, em nosso entendimento, demonstra que o espaço designado é de grande importância para o público universitário, uma vez que figura entre ‘points’ principais de encontros. E, por fim, o fato do estabelecimento operar em ambos os turnos, como padaria e merceria pela manhã e tarde e como bar à noite, atendendo a uma diversidade de públicos com diferentes demandas de acordo o horário e o dia.

Utilizamos aqui noções de antropologia urbana de autores como José Guilherme Cantor Magnani (2014) e Gilberto Velho (2009), que figuram como nossos referenciais teóricos principais. Velho assevera que

“A complexidade, dimensão e heterogeneidade dos grandes centros urbanos moderno-contemporâneos introduzem novas dimensões na experiência e comportamento humanos. Este processo foi se evidenciando de modo mais drástico a partir da Revolução Industrial, com os grandes deslocamentos populacionais, migrações, e profundas transformações na estrutura e na divisão social do trabalho, com fortes consequências para a produção geral.” (VELHO, 2009, p.13)

Ainda como forma de compreender a cidade, o trabalhar na noite de Pelotas nos debruçamos na compreensão de cidade para Magnani (2014). Magnani afirma que as cidades, sejam elas cidades-mundo, metrópoles ou cidades globais, possuem compartilham certas semelhanças, não apenas pelas funções que exer-

cem, mas pelos equipamentos e instituições que possibilitam seu exercício (2014, p.57).

## 2. METODOLOGIA

Apesar do projeto, como um todo, privilegiar a interdisciplinaridade, julgamos que, neste estudo de caso em especial, uma abordagem antropológica seja a mais eficaz. Neste sentido, Magnani afirma que a especificidade “[...] é que torna o enfoque antropológico particularmente sensível para captar determinados aspectos da dinâmica urbana, que passariam ao largo de perspectivas voltadas para recortes de outra ordem”. (MAGNANI, 2014, p.58). O olhar “de perto, e de dentro” é que torna a perspectiva antropológica mais apta a ‘capturar’ as sensibilidades da sociedade, das pessoas e dos ambientes, “[...] em oposição à perspectiva “de fora, e de longe”, característica do enfoque de outras disciplinas, que privilegiam variáveis de ordem marco – econômicas, demográficas, sociológicas, financeiras, etc” (MAGNANI, 2014, p.58).

Ademais do esclarecimento quanto à natureza da abordagem, nossa metodologia se baseia, também, na entrevista do(s) dono(s), coletando informações e dados pertinentes ao estudo aqui proposto. Realizamos o seguinte questionário:

- 1) Há quanto tempo você trabalha no estabelecimento?
- 2) Você têm outro(s) emprego(s) em paralelo? Que diferença você sente entre eles?
- 3) Que tipo de público você costuma atender?
- 4) Considera seu trabalho um trabalho de risco/perigoso?
- 5) O público costuma variar de acordo com o turno?
- 6) Que fatores você atribui a essa variação [caso ela ocorra]?
- 7) Seu trabalho se modifica de acordo com o turno?
- 8) Quais dias são mais/menos movimentados?

Assim, trabalhamos com uma abordagem qualitativa, englobando resultados da pesquisa etnográfica e da entrevista.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nossa entrevista fora realizada das 15:15 até as 17:30, primeiramente com Marcelo e, depois, com sua esposa Fabiane. As perguntas foram direcionadas a ambos, dando-lhes total liberdade para mencionarem elementos e fatos externos as questões. Marcelo tem 47 anos e sua esposa, “Fabi” tem 34. Ele afirma que o bar surgiu em 1982 e que pertencia ao seu pai, sendo hoje o bar mais antigo da quadra. O pai sofria preconceito não só pelo emprego pouco ‘convencional’ para a época, mas também por ser maçom, o que alimentava consideravelmente os ‘murmurinhos’ da vizinhança sobre as atividades da família. Marcelo ressalta que não tem vergonha – pelo contrário, se orgulha! – de ser botequeiro, apesar da discriminação que acomete as pessoas que trabalham à noite. Para ele: “A pior coisa que tem é trabalhar onde os outros se divertem. [...] ‘Quero desconto!’ – Gu-rias pedindo desconto por serem bonitas. [...] As pessoas acham que por que tu tá atrás do balcão tu não tem cultura”. Marcelão também alegou que as amizades com os clientes às vezes prejudicam o negócio, eles frequentemente pedem coisas de graça ou pedem para comprar “fiado”.

O trabalho no bar exige muito do tempo de Marcelo, apesar de atender no balcão, geralmente, a partir das 16h, ele passa a maior parte do dia (como ele

mesmo afirma”) ‘em função do bar’, fazendo orçamentos de produtos, repondo estoques, e realizando encomendas. “Comecei a trabalhar no bar com 12 anos de idade. Depois fui trabalhar no xeróx. Em 2005 voltei a trabalhar com o pai e desde 2009 gerencio o bar, deixei ele mais a minha cara e tal, e tamo aí.” Marcelo também já havia trabalhado como taxista e como motorista de ônibus escolar, mas foi com o bar que ele cresceu financeiramente.

No dia em que realizamos a entrevista, tanto Marcelo quanto Fabiane estavam felizes pela volta do movimento e do público. “Quando a federal entra de férias o movimento cai muito! Graças a deus agora tá voltando, pois tava difícil.” – disse Fabiane, que começou a trabalhar no bar há dois anos, logo que começou a namorar com Marcelo. Quanto ao consumo e o público, 90% são estudantes – maioria de idade universitária (entre 18 e 30 anos) e a cerveja é, com certeza, o produto de maior vendagem, que garante a subsistência da família o sucesso do negócio. Contudo, os donos pretendem trabalhar menos com as bebidas e estão investindo mais em produtos alimentícios, como pães, salgados e lanches, devido a dificuldades com a AMBEV. Os dias de maior movimento são as quintas e sextas feiras e as folgas são realizadas aos sábados e domingos, mas este balanço é feito de acordo com consumo. Se, por acaso os sábados se tornarem mais movimentados e propícios para abrir o bar, eles moldarão suas agendas em função do público.

O trabalho é mais árduo no turno da noite, pois é o momento de maior fluxo de clientes. Não só a cerveja, mas também os lanches vendem mais no turno da noite. Ademais, um fato em especial contrariou nossas expectativas durante a realização da entrevista: quando perguntamos sobre o comportamento dos clientes em termos de gênero, ambos os entrevistados foram unânimes em afirmar que o público feminino gera maiores problemas. “Os homens respeitam muito mais” – afirma Fabiane. “Os caras basta tu dar um a ‘trancão’ que eles se aquietam. Já as gurias, têm vezes que ficam apelando [se insinuando] para ganhar coisas de graça.” – disse Marcelo.

De todas as informações coletadas ao longo da entrevista, uma, em especial, merece certo destaque: a importância que a Universidade Federal de Pelotas passou a ter nos últimos anos. Antes de 2009 – afirma Marcelo – havia um público muito grande da UCPEL, que consumia lanches, café, e até bebida, em menor escala. Deste então, a Universidade Católica vem se fechando para a comunidade.

“A Católica tá falindo como instituição de ensino. Eles tão criando um aparelhamento interno, com bar, livraria, caixa eletrônico, tudo para que o estudante não precise sair de lá de dentro. [...] Os reitores não vêm mais pros bares aqui da volta, tomar café e tal, e os alunos também passam a não vir mais pra rua. Tem mais alunos da Federal do que UCPEL aqui e nós passamos a trabalhar mais com bebidas para catar um público diferente. [...] Eu noto que de 2009 pra cá o público de Federal vem se expandindo. A Católica se fecha, a UFPEL se abre. Te digo magrão, meu sonho de consumo é a Federal comprar esse prédio!”

Esta afirmação de Marcelo vai ao encontro de uma das propostas de Magnani, sobre os centros urbanos serem moldados menos por sua materialidade (estrutura física), e mais pelos fluxos humanos. O pesquisador afirma, a partir das ideias Olivier Mongin, que

“Os processos de urbanização que empurram seus limites em virtude da predominância dos *fluxos* sobre os *lugares*, caracterizam-se, segundo esse autor, por um tipo de crescimento que leva tanto ao fenômeno das “megacidades” como também aos das cidades com acesso privilegiado ao mundo ilimitado do virtual: são estas as “cidades-globais” (MAGNANI, 2014, p.57)

O argumento vai ao encontro das ideias de Velho, que afirma que

“[...] o trânsito de indivíduos e categorias, implicando deslocamento físico e psicosocial, aponta para o permanente dinamismo da vida metropolitana. O operário que se desloca da periferia para o centro, o estudante que percorre trilhas urbanas, o *flâneur*, os policiais e os criminosos, os funcionários indo e vindo de casa para o trabalho, os passeios, peregrinações, reuniões políticas, cultos religiosos, entre tantos outros exemplos, ilustram esse movimento contínuo e ininterrupto.” (VELHO, 2009, p.14)

#### 4. CONCLUSÕES

A partir do estudo aqui realizado, concluímos que o trabalho noturno em Pelotas, em especial na região do Porto, é fortemente influenciado pelo público universitário. Atualmente, este público é indispensável para a manutenção e sobrevivência de uma série de serviços de caráter comercial, como bares, casas noturnas e lanchonetes da cidade. Isto revela não só o papel ativo que os jovens exercem nas vidas dos pequenos empreendedores, como também o impacto indireto que a Universidade Federal tem na economia a nível municipal. As narrativas de Marcelo e Fabiane corroboram com essa afirmativa.

Temos consciência de que esta análise possui suas limitações técnicas e que entrevistas com outras categorias (como taxistas e donos de festas/casas noturnas) poderiam trazer informações relevantes a esta pesquisa – nossos próximos passos vão nesta exata direção. Pretendemos, a partir deste ponto, juntar e comparar os resultados obtidos com outros estudos de caso, realizado pelos outros membros do projeto de extensão, para assim chegarmos a conclusões mais sólidas e teoricamente embasadas sobre a noite pelotense, que nos auxiliarão nas saídas de campo futuras.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- MAGNANI, J. G. C. A metrópole sob o Olhar do Antropólogo. **Revista USP**, São Paulo, n. 102, p 53-67, 2014.
- VELHO, G. Antropologia Urbana: Encontro de Novas Perspectivas. **Sociologia, Problemas e Práticas**. n. 59, p 11-18, 2009.